

ENCONTRO NACIONAL

TEMA: A FAMÍLIA COMO PERTENÇA À IGREJA

1. Ao longo da história da espiritualidade cristã, a cena evangélica que narra a visita de Jesus às duas irmãs Marta e Maria fundamentou a tese segundo a qual se dão na Igreja dois estados: o estado laical, representado por Marta, ocupada nas tarefas da casa, da família e da sociedade; e o estado religioso/clerical, representado por Maria, que, sentada aos pés de Jesus, escutava a sua palavra, escolhendo assim *a melhor parte*.

Há uma outra cena evangélica muito semelhante a esta: o episódio do *jovem rico*, que vai perguntar a Jesus o que deve fazer para alcançar a vida eterna e que termina com esta resposta de Jesus: *se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e depois, vem e segue-me*.

Segundo as palavras de Jesus, a condição para alcançar não apenas a *vida eterna*, mas a *perfeição* é deixar tudo e tornar-se seu discípulo. O jovem, porém, não foi capaz de abandonar tudo e voltou para sua casa, para o conforto dos seus bens. A conclusão do episódio é o reconhecimento de que a riqueza é um impedimento para entrar no reino de Deus, sendo mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus.

Este episódio evangélico é coerente com a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus, sobre o primado absoluto do primeiro mandamento – amarás o Senhor com todas as tuas forças, com toda a tua inteligência e com toda a tua vontade – ao qual nada se deve antepor, pois a quem o procurar e à sua justiça tudo o resto, que é secundário, virá por acréscimo. O Reino de Deus anunciado por Jesus vale muito mais do que todos os bens e por ele vale a pena arriscar tudo: bens, família, afectos, etc.

Este episódio do jovem rico foi interpretado na tradição espiritual no sentido de *dois estados* diferentes ou de duas categorias de cristãos no interior da Igreja: aqueles que se limitam a *cumprir os mandamentos* – a via dos preceitos; e aqueles que arriscam tudo para seguir Jesus, na profissão dos *conselhos evangélicos*, da pobreza, da obediência e da castidade.

Se relacionarmos estes dois episódios – Marta e Maria, e o Jovem rico – temos a indicação de dois estados ou de dois caminhos distintos que os cristãos podem escolher: a via dos *conselhos* («se queres ser perfeito») e a via dos mandamentos («se queres alcançar a vida eterna»).

2. O concílio Vaticano II veio introduzir, porém, uma nova interpretação destes dois episódios evangélicos: Marta e Maria e o Jovem rico. E em que consiste esta nova compreensão? Consiste, tanto num como noutra, numa interpretação *crisológica*: no jovem rico, a *perfeição* consiste

em deixar tudo *para seguir Jesus, na condição de discípulo*, e em Marta e Maria, a *perfeição* consiste em escutar a palavra de Jesus, estando com Ele e fazendo-Lhe companhia: e isto é que é *o único necessário*, que a Maria, que ao discípulo, que for capaz de *arriscar*, não lhe será tirado. Quer dizer que na Igreja há diversidade de dons e de carismas; há diversidade de ministérios, de missões, há diversidade de *vocações* e de estados de vida – os sacerdotes, os religiosos e os leigos – mas todos, seja qual for o seu estado e condição, são chamados a *seguir Jesus* casto, pobre e obediente, e neste seguimento consiste a perfeição da caridade, a santidade.

Quando Jesus afirma «sede perfeitos, como perfeito é o Pai celeste» está a colocar este elevado patamar de perfeição como ideal de todo o discípulo, seja ele apóstolo, evangelista, profeta ou sacerdote, religioso ou leigo. Como cristãos, temos todos o mesmo ideal de perfeição, o mesmo *mandamento*. Não se trata de uma possibilidade de ser entre outras, mas de um único caminho, que é o do seguimento de Jesus Cristo: *se queres ser meu discípulo, vem e segue-me* no único caminho que passa pela renúncia, pela abnegação, pelo caminho que conduz à cruz, segundo outra palavra de Jesus: *toma a tua cruz e segue-me...*

O Papa Francisco tem insistido muito neste tema: os cristãos têm como missão dar testemunho da santidade como resposta ao *amor que nos precede* e que encontra no *Coração de Jesus* a sua expressão mais forte: o

Coração de Jesus ferido pela lança do soldado revela o amor que está na nossa origem. Ser cristão só é possível a partir de uma experiência de fé pela qual o crente descobre que é amado por Deus, porque sentiu isso numa ou noutra circunstância da sua vida, podendo então dizer como S. Paulo: *Ele amou-me e entregou-se por mim* (Gal 2,20).

A alegria do evangelho não pode ser confundida com a alegria mundana, que brota da fruição dos grandes ídolos que alimentam a sensualidade, como o dinheiro, o poder e a fama. A alegria cristã vem do interior, do coração e da consciência pura, vem desta confiança no amor de Deus que nos precede, que nos conforta e nos anima e nos lança para a frente, para a invenção de um mundo melhor, mais humano, porque mais cristão. De facto, não se pode construir uma sociedade justa senão a partir de Deus, do seu plano e do seu pensamento a respeito do homem e do mundo.

Na *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco convoca toda a Igreja para assumir a *missão como programa de vida*, mas a *missão* não significa que o cristão deve partir para outras terras, embora isto possa acontecer, mas que deve *sair de si*, do círculo fechado das suas comodidades e partir ao encontro dos outros, para lhes recordar que todos são amados de Deus, de um amor que os precede, e que por isso todos são convidados a *corresponder ao amor*, dispondo-se à surpresa de Deus na vida de cada um.

3. Também os *casais* e, conseqüentemente, as famílias cristãs devem assumir este programa da santidade conjugal e do testemunho da *alegria* como *missão*. É urgente que os casais cristãos dêem testemunho da alegria de ser o que são, ou seja, casais unidos pelo sacramento do matrimônio, e que vale a pena viver de acordo com o evangelho e a doutrina da Igreja sobre o matrimônio e a família, porque aí – no evangelho e na doutrina da Igreja – se indicam os caminhos e os meios para alcançar a felicidade, mesmo se o caminho é íngreme e cheio de dificuldades e a porta muito estreita. O discípulo de Cristo não é mais do que o seu Senhor, que seguiu o caminho que o levou à cruz e só assim manifestou para todos o *amor que nos precede*, pois só ama verdadeiramente quem for capaz de dar a vida por aquele que ama, quem for capaz de perder a sua vida para deste modo a encontrar, pois é perdendo a vida, por causa do Reino de Deus e da sua justiça, que a podemos verdadeiramente encontrar.

No questionário enviado a todos os bispos, para consultarem as suas igrejas locais, encontra-se identificada a causa principal da crise actual dos casais e das famílias cristãs: terem perdido ou ser deficiente a fé no sacramento do matrimônio; e não acreditar na eficácia terapêutica da confissão sacramental.

No que diz respeito ao sacramento do matrimônio, é urgente que os cristãos, tanto os jovens como os casais, redescubram a beleza e a grandeza

do sacramento do matrimónio que não apenas consagra e santifica o amor humano entre o homem e a mulher, mas, ao santificar o amor conjugal eleva-o a ser sinal visível e eficaz do amor de Cristo pela Igreja e da obediência da Igreja a respeito de Cristo. O Papa S. João Paulo II deixou-nos um conjunto de catequeses nas quais desenvolve a teologia e a espiritualidade do matrimónio a partir de dois tópicos da Sagrada Escritura: que o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26); que o matrimónio é um grande mistério, à imagem de Cristo e da Igreja, sendo o marido representante de Cristo esposo da Igreja e a esposa, representante da Igreja, esposa de Cristo (Ef 5).

As catequeses de João Paulo II desenvolvem uma teologia do amor que passa pela mediação do *corpo*. Elas oferecem, por isso, uma autêntica teologia do corpo. O nosso corpo diz-nos que somos seres da encarnação, à imagem de Cristo, o Filho de Deus incarnado, que assumiu a nossa condição, assumiu o nosso corpo, para nos santificar, para dizer que nós nos salvaremos no corpo e através do corpo, que é para nós instrumento de encontro com Deus e com os outros, e que participará também na ressurreição final, como agora participa nos sacramentos e por eles é santificado. As catequeses de S. João Paulo II devem por isso ser lidas como um admirável testamento que ele nos deixou para nos recordar a nossa dignidade de homens e mulheres criados por Deus à sua imagem e semelhança e chamados a ser, pela aliança esponsal, imagens de Cristo e da

Igreja. No casal cristão transportamos um grande mistério, pois no amor conjugal o esposo representa Cristo e a esposa representa a Igreja, numa relação que deve ser, no casal cristão, simultaneamente casta e fecunda.

S. João Paulo II elaborou as suas catequeses tendo como referência, por um lado, a *criação*, aquela palavra do *princípio* segundo a qual o casal humano é envolvido na bênção de Deus. A bênção de Deus mostra a *bondade natural* do casal. É *bom* o amor casto e fecundo que une o homem e a mulher, pois corresponde ao pensamento de Deus. O que estragou tudo, desde o princípio, foi o *pecado*, a pretensão do homem de querer *ser como Deus*, de querer alcançar a felicidade fora, longe de Deus. Mas ao afastar-se e ao esconder-se da sua presença, o homem descobre afinal que está nu, que afastando-se de Deus se aliena de si mesmo, torna-se estranho a respeito dos outros e mesmo a respeito da natureza. O relato bíblico da criação e do pecado original mostra que o homem desde o princípio precisa de ser redimido, precisa de ser salvo de si mesmo, porque é em si mesmo que encontra o princípio da sua desgraça, da sua infelicidade, da sua perdição. Por isso é que já no relato da criação e da queda se encontra uma profecia que diz que será da descendência da mulher que surgirá aquele que vai restituir o homem à sua dignidade primitiva perdida pelo pecado, a pretensão de querer ser como Deus.

Por outro lado, as catequeses de João Paulo II sobre o amor humano e sobre o corpo têm como referência a perspectiva escatológica, iniciada pelo mistério pascal de Cristo, a morte e a ressurreição. O cristão tem consciência de não pertencer a este mundo, de estar em trânsito, pois ele é cidadão de outra cidade, a *cidade de Deus*. Por isso, o cristão, mesmo em casal e em família, deve viver com os olhos fixos na eternidade, na qual pelos sacramentos já participa, sendo que, neste contexto, há três sacramentos que constituem o horizonte de santidade e de perfeição para a qual o cristão, mesmo em casal e em família, deve orientar a sua vida: o batismo pelo qual nos tornamos *filhos de Deus*; a *eucaristia*, pela qual nos alimentamos d’Aquele sem o qual nada podemos fazer (Jo 15); e o sacramento da *penitência*, pelo qual recebemos a cura dos nossos pecados, pelo *perdão* de Deus, que nos *revela a divina misericórdia*, o *coração divino* que se compadece daqueles que são indigentes, que são pobres.

O documento preparatório do sínodo dos bispos põe o dedo na ferida quando diz que uma das causas da crise do matrimónio e da família entre os cristãos se encontra na falta de fé na eficácia terapêutica do sacramento da *penitência*. O sacramento da penitência é para os cristãos uma escola indispensável para cultivar a delicadeza do coração, a sensibilidade da consciência, mostrando de um modo eficaz que os cristãos estão dispostos a *mudar de vida*, estão dispostos à *conversão* sem a qual não é possível alcançar a felicidade, pois esta depende da mudança de atitude de quem já

não pretenda ser como Deus, mas aceite a sua condição de criatura e queira viver como filho e como irmão.

No passado muito recente foi muito importante a *devoção ao Coração de Jesus*, com a prática das *primeiras sextas-feiras do mês*, dedicadas à memória da paixão de Cristo, o grande mistério da revelação do grande amor que nos precede. Todos sabemos que esta devoção ou o exercício da *confissão mensal* não resolvia todos os problemas; não resolvia mesmo nenhum problema, e sabemos que as tensões nos casais e nas famílias existiam; no entanto, a devoção autêntica ao Coração de Jesus era a memória permanente para os casais, para os cristãos, de que Deus tem um *coração que se compadece dos pobres*, e este é o sentido da *misericórdia* para a qual o Papa Francisco tão insistentemente nos chama a atenção. Mas a devoção ao Coração de Jesus recorda-nos também que devemos conformar o nosso coração à imagem do Coração de Jesus, e devemos ter um coração sensível e misericordioso para com os pobres que vivem junto de nós, em casal, na família, nas nossas relações sociais. A descoberta da *misericórdia e do perdão de Deus* há-de ser então feita pela frequência do sacramento da *misericórdia e do perdão*, ou seja o excesso de amor, a perfeição do amor que está inscrita na noção mesma do *perdão* -, *perdonare*, dar em superabundância, até morrer de amor, e este é em última análise o sentido do perdão, que se revela na *morte de Cristo*, bem

traduzida nas suas últimas palavras: *Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!*

A participação nos sacramentos, sobretudo no *sacramento da penitência*, vai-nos curando, purificando, fazendo com que o amor, que deve pautar as nossas relações fraternas, mesmo em casal, seja puro, seja casto, pois é por mais evidente que o nosso amor precisa de ser purificado, para que seja autêntico e verdadeiro. Mesmo em casal e em todas as nossas relações humanas devemos ter presente a bem-aventurança na qual Jesus nos ensina que *só os puros de coração verão a Deus*. Ora a pureza do coração, do coração que precisa de *ser purificado*, implica a necessária purificação dos sentimentos e das emoções, em suma, da nossa sexualidade. Este é o sentido do conselho evangélico da *castidade*, como estilo de vida do próprio Jesus, que todos somos chamados a seguir e a imitar, cada um de nós segundo a sua condição, como, aliás, todos somos chamados a viver segundo a lógica dos outros dois conselhos evangélicos, a *pobreza* e a *obediência*, naturalmente segundo a nossa condição. Por outras palavras, a purificação do coração pelo sacramento da penitência levar-nos-á ao desapego dos bens, que é o sentido da pobreza evangélica, e a colocarmos Deus em primeiro lugar, que é o sentido da obediência, segundo aquela palavra de Jesus: *nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*.

Já Pio XI tinha chamado a atenção para a *castidade* como virtude conjugal, o que era um apelo à *delicadeza do coração e do amor* e a disponibilidade a ser o casal colaborador de Deus na transmissão da vida, pois Deus quer servir-se de nós para povoar a terra e o céu.

Paulo VI dedica a encíclica *Humanae Vitae* ao mistério do *amor conjugal*, destacando as suas notas essenciais (cf *Humanae vitae* 9): que deve ser *plenamente humano*, isto é, sensível e espiritual, envolvendo, por conseguinte, todas as dimensões da nossa personalidade; deve ser um *amor pleno*, ou seja, próprio da *amizade pessoal*, que se caracteriza pela busca do bem daquele que se ama; deve ser *fiel e exclusivo*, até ao fim da vida, pois faz parte do amor ser uma doação sem limite àquele que se ama, sendo a *fidelidade* a expressão mais profunda e verdadeira do amor, pois a *fidelidade é a vitória do amor sobre o tempo*; finalmente, deve ser uma *amor fecundo*, aberto à vida, sendo os *filhos*, o *primeiro bem e o primeiro fim* do matrimónio. Quando falamos em *castidade conjugal* estamos a pensar nesta delicadeza do coração e do amor que cuida do outro por amor dele mesmo e não pelo prazer ou outro interesse que dele posso colher.

O concílio Vaticano II dedica ao matrimónio e à família o primeiro capítulo da segunda parte, situando o matrimónio e a família no plano de Deus a respeito do homem, desde a criação à redenção, enquadrado no interior do mistério de Cristo e da Igreja. O estado matrimonial exige dos

cônjuges um grau muito elevado de virtude para que possam viver nas suas vidas a santidade a que são chamados como dois discípulos que vivem a sua relação *no Senhor*.

Em 1980 realizou-se em Roma um sínodo dos bispos sobre a família do qual saiu a exortação apostólica pós-sinodal de S. João Paulo II, *Familiares Consortio*, que é verdadeiramente a exposição mais completa sobre o sentir da Igreja sobre este grande mistério do casal e da família cristã, verdadeiramente considerada como *igreja doméstica*, onde os cônjuges vivem e celebram a sua condição sacerdotal e mesmo o seu *minstério*, porque o sacramento do matrimónio pode e deve considerar-se um sacramento da missão, a missão admirável dos cônjuges cristãos de colaborarem com Deus na obra da criação, povoando a igreja e o céu com os filhos amados de Deus. Nessa altura, em 1981, a Igreja já vivia na turbulência da crise que hoje alcança proporções de uma dimensão quase incalculável; mas os princípios lá estão presentes e ler e estudar a *Familiares Consortio* no contexto actual da crise do casal e da família é uma obrigação para quem quer que seja quer queira conhecer e viver de acordo com o pensar e o sentir da Igreja, mesmo e precisamente nos nossos dias.

As *catequeses sobre o corpo de S. João Paulo II* foram escritas com a intenção de desenvolver a teologia do amor humano, a partir dos princípios

formulados pela *Humanae Vitae* de Paulo VI, que mencionei mais acima, sobretudo nas duas dimensões essenciais do amor conjugal: a sua dimensão *unitiva*, que na teologia tradicional se dizia em termos de *ajuda mútua* que os cônjuges prometem no acto do seu consentimento, e a *dimensão procreativa*, ou seja, a abertura à vida, no risco respeitoso do amor casto e responsável. Nessa altura, as catequeses de João Paulo II não despertaram muita atenção; mas hoje estão a ser lidas e estudadas com entusiasmo, porque neles se reflecte a densidade humana e divina do amor que somos chamados a viver, tanto na vida conjugal como na virgindade consagrada, pois em qualquer uma destas formas da existência cristã o essencial é que vivamos o amor purificado e oblato que tem na delicadeza casta do coração a sua expressão mais profunda.

Torna-se por isso urgente que nós todos redescubramos o sentido da bem-aventurança na qual Jesus declara que só os *puros de coração* verão a Deus.

Esta pureza – de intenção, de acção, que deve envolver a vivência das emoções e dos afectos e da sua expressão corporal – é um caminho que todos devemos seguir, na purificação constante, pela renúncia e abnegação, que é o modo como nos havemos de configurar diariamente com a *cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo*, no qual os crentes encontram luz e força para o caminhar.

3. O P. Caffarel e os primeiros casais que iniciaram, durante a segunda Guerra Mundial, o nosso movimento das *Equipas de Nossa Senhora*, tinham como preocupação promover a santidade em casal, ou seja, que o estado do matrimónio deve ser um caminho de santidade, mas de uma santidade que não deve ser vivida apenas individualmente, mas também como casal, enquanto casal, aprofundando e vivendo o sacramento do matrimónio que faz do casal cristão sinal eficaz da relação sponsal entre Cristo e a Igreja, fazendo do casal e da família que dele surge, uma autêntica *Igreja doméstica*.

Nessa altura, a meados dos anos quarenta do século passado, a preocupação do P. Caffarel e dos primeiros casais, era descobrir um método que ajudasse casal cristão a viver a santidade. E foi assim que, procurando juntos, chegaram à formulação dos *pontos concretos de esforço*, o método encontrado para ajudar os cônjuges a caminharem em equipa e em casal no progresso da santidade. Os *pontos concretos de esforço* são na verdade um método muito simples e fácil de cumprir, mas que é muito eficaz e tem dado tantos e bons frutos ao longo da história do nosso Movimento, das Equipas de Nossa Senhora. É preciso que permaneçamos fiéis à metodologia e ao carisma e espiritualidade do nosso Movimento, pois foi assim que ele foi recebido na Igreja e é assim, na fidelidade ao nosso carisma, que estaremos no coração da Igreja e nela daremos muitos frutos, aqueles que Deus espera que de nós. Destes pontos

concretos de esforço eu tenho insistido sobretudo em dois: o *dever de se sentar* e a *oração conjugal*. O dever de se sentar obriga cada um dos cônjuges a dialogar com o outro situando-se na *presença de Deus*, no qual firmaram a sua aliança conjugal. Por sua vez a *oração conjugal* é fundamental para que os cônjuges, rezando juntos, possam viver a sua relação conjugal verdadeiramente no Senhor, na conjugação dos três altares: o altar eucarístico no qual nós celebramos o mistério da vida do Senhor que se entrega, como corpo entregue e sangue derramado, pela sua esposa, a Igreja e por cada um de nós; o *tálamo nupcial*, onde se celebra o mistério do amor casto e fecundo, que une os corações e os corpos numa só carne, de acordo com a palavra do Senhor, dita no princípio e celebrada na plenitude dos tempos, em Cristo e na Igreja, no morrer de amor que se manifesta na cruz; e o altar da mesa familiar, em volta da qual a família reza e toma o seu alimento na alegria e na simplicidade do coração.

O método das Equipas de Nossa Senhora está, portanto, ao serviço do seu carisma tal como foi recebido na Igreja: viver a mística do sacramento do matrimónio, mas em relação com a mística e o ministério do sacramento da Ordem. A mística das Equipas de Nossa Senhora é assim constituída pela riqueza dos dois sacramentos – do matrimónio e da ordem -, que está presente na Equipa que é constituída pelos casais e pelo conselheiro espiritual. Temos assim dois sacramentos que são um sinal eficaz da relação entre Cristo e a Igreja, porque assim como no matrimónio o esposo

representa Cristo e a esposa representa a Igreja, no sacramento da ordem o sacerdote representa Cristo esposo da Igreja. Na Equipa o *conselheiro espiritual* representa Cristo, e os casais representam a Igreja. Há assim uma relação esponsal entre o Conselheiro e os casais, como Equipa. Ora este mistério celebra-se de novo nos outros dois sacramentos que estruturam a nossa vida cristã: a penitência, da qual já falamos, e a eucaristia, o sacramento do *corpo entregue e do sangue derramado pela salvação do mundo*.

A participação na eucaristia pressupõe que estejamos arrependidos e purificados do pecado que nos afasta de Deus e dos outros. Há por isso uma ligação muito íntima entre o sacramento da penitência e a eucaristia, pois a eucaristia pressupõe que estejamos na *graça de Deus*, pois, se assim não for, como diz S. Paulo, estaremos a comer e beber a nossa condenação: «todo aquele que come e bebe, sem distinguir o corpo do Senhor, come e bebe a sua própria condenação. Por isso há entre vós muitos enfermos e adoentados, e muitos faleceram»» (1Cor 11, 29-30).

Hoje infelizmente tem-se perdido em muitos sectores eclesiais esta sensibilidade, esta delicadeza do coração, fazendo dos sacramentos, e especialmente da eucaristia, uma reivindicação e não uma graça e um dom de Deus, que exige no entanto condições, pois, tal como acontece na nossa vida normal, nem sempre podemos tomar todos os alimentos e precisamos,

quando estamos doentes, de fazer dieta, pois os alimentos, mesmo os melhores, se não forem tomados dentro de determinadas condições, podem fazer mal à saúde. Podemos fazer uma transposição analógica da nossa vida física para a nossa vida da graça e assim compreenderemos que em determinadas situações não nos podemos aproximar dos sacramentos, pois não temos condições para isso. Implorar a misericórdia de Deus pode significar, em determinadas circunstâncias, manter-se à distância e não ousar aproximar-se, pois podemos não estar nas condições devidas. O documento preparatório do Sínodo dos Bispos apela à celebração do sacramento da Penitência como remédio necessário para que não se chegue à crise da família; o sacramento da penitência é um preventivo e pode também ser condição, mas se houver disposições para isso. Isto aplica-se aos casos que hoje nos fazem sofrer pelas situações irregulares de tantos casais e de tantas famílias. A muitos títulos podemos dizer que se sofre de muita doença hoje na Igreja santa de Deus.

A Eucaristia, pressupondo o estado de graça dos que nela participam, oferece não só o alimento dos peregrinos, mas também o horizonte no qual havemos de viver todas as nossas relações fraternas: tal como o Senhor, devemos ser *corpo entregue e sangue derramado* pelos outros, segundo a nossa condição. O marido deve ser para a sua esposa *corpo entregue e sangue derramado*; a esposa deve ser para seu marido igualmente *corpo entregue e sangue derramado*; e o mesmo se diga do sacerdote, que será,

para a Equipa e para a Igreja, corpo entregue e sangue derramado, à imagem de Cristo que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos (Mc 10, 45).

O Papa Francisco convida-nos insistentemente, com veemência, a sermos testemunhas da alegria de vivermos segundo o Evangelho. E por isso as equipas de Nossa Senhora, devendo ser fiéis ao carisma das origens, são convocadas para a missão. Na *Evangelii Gaudium* a missão é para todos e todos devem assumir a missão como um *programa de vida*, seja em termos pessoais seja em termos comunitários, o que para nós significa em termos de *equipas*. Mas a missão para a qual o Papa Francisco, em nome de toda a Igreja, nos convoca não significa necessariamente *partir para longe*, pois não é da *missão ad gentes* que se trata.

Vivemos tempos complexos e a muitos títulos difíceis. Mas a verdadeira crise que envolve a Igreja e o mundo é sobretudo moral e espiritual. Neste contexto, o nosso Movimento, tal como no princípio, tem uma missão *profética* muito importante: a de viver e testemunhar a beleza de vivermos como casal e em família o ideal de santidade do matrimónio cristão, anunciar com o testemunho de vida e com a palavra o evangelho do casal cristão e da família. Por isso devemos ser fiéis ao nosso carisma, aos pontos concretos de esforço, mantermo-nos fiéis ao pensamento da Igreja tal como foi formulada na tradição teológica e espiritual, e que encontra na

Casti conubii de Pio XI (1930), no *Concílio Vaticano II* (1962-65), na *Humanae Vitae* de Paulo VI (1968), na *Familiares consortio* (1981) de S. João Paulo II e nas suas *catequese*s sobre o corpo a mais admirável síntese. Como casais cristãos e como Movimento devemos todos conhecer bem estes documentos e viver o ideal da santidade segundo o pensamento de Deus e o sentir da Igreja, pois este é para nós (e mesmo para o mundo) o caminho onde poderemos viver a alegria de sermos, segundo a vontade de Deus, o que somos.

Por isso é que hoje as Equipas de Casais não podem ficar fechadas em si mesmas, na busca da santidade pessoal e em casal; essa preocupação e este ideal de santidade e de santificação devem continuar sempre vivos e mesmo sempre mais vivos, mas agora, nestes tempos complexos em que vivemos, em que a família cristã é posta em causa com todas as formas que nós conhecemos de «amor livre» e de «uniões de facto», em tempos marcados pela calamidade do divórcio, do aborto e da ideologia do género, é preciso que as famílias cristãs, que vivem na fidelidade e na disponibilidade e abertura à vida, dêem testemunho vivo e eficaz de que vale a pena ser cristão, pois cumprir a vontade de Deus é a única possibilidade de encontrar a felicidade e a alegria de viver, mesmo se isso custa, pois a vida cristã, tal como o Senhor, não pode separar-se da cruz.

Como casais e como Equipas, vivendo o carisma e a mística do nosso Movimento, somos convocados e enviados pela Igreja para sermos missionários do Evangelho do matrimónio e da família, testemunhando a *alegria de sermos o que somos ou seja casais e famílias cristãs*, pois é na família que a sociedade se fundamenta e só nela é que pode alimentar-se esperança.

Que este *Encontro Nacional* seja para todos nós um tempo de graça, do qual recebamos todos estímulo para vivermos com entusiasmo a nossa vocação e missão na Igreja, junto do Senhor, tal como Maria: *Marta, Marta, andas ocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte que não lhe será tirada.*

P. José Jacinto Ferreira de Farias, scj

Conselheiro Espiritual da ERI